

TUPILIQUES

HERANÇAS INDÍGENAS NO
PORTUGUÊS DO BRASIL

César Obeid

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Rosane Pamplona – Professora formada em Letras pela Universidade de São Paulo, colaboradora em diversas obras didáticas para o ensino do Português, autora de livros infantojuvenis.

O AUTOR

César Obeid nasceu na cidade de São Paulo em 1974. É escritor de livros infantojuvenis, alguns premiados, e atua como contador de histórias, palestrante e na formação de professores. Escreveu também peças de teatro. Publicou vários livros pela Editora Moderna, entre eles: *No país das bexigas*, *Rimas animais*, *Rimas saborosas*, *Aquecimento global não dá rima com legal*, *Brincantes poemas*, *Minhas rimas de cordel*, *Rimas juninas*, *O cachorro do menino* e *Para ler ver e ouvir – Histórias indianas do Pantchatantra*.

A OBRA

*Quem sabe o que é limerique?
Poema tão cheio de pique
Que tem cinco versos
Que vivem dispersos
E adoram glamour e chique?*

Quem já ouviu falar em limeriques? Pois limeriques são pequenos poemas de estrofes de cinco

versos, que retratam geralmente situações absurdas, engraçadas. Textos pertencentes ao estilo *nonsense*, os limeriques (*limericks*, em inglês) fazem sucesso na Europa. Aliás, composições com métrica e posição de rimas semelhantes ou idênticas aos atuais limeriques já eram encontradas há muitos séculos em canções tradicionais, em temas voltados para crianças e peças teatrais.

Bem, e tupiliques? Como o nome indica, os tupiliques, criação do autor, são limeriques ligados à cultura tupi:

*Às margens do rio Sorocaba
Eu vi um senhor capixaba
Que viu o curupira
Traçando embira,
Comendo uma jabuticaba.*

Jabuticabas, pitangas, carás e cajás, o boitatá, a iara, o curupira, jacarés, muriçocas e suçuaranas fazem a festa nos versos desses divertidos tupiliques, que misturam, numa culinária original, a tradição europeia com nossa herança indígena tupi.

TEMAS ABORDADOS

- Língua portuguesa • Etimologia • Cultura indígena
- Diversidade cultural • História do Brasil • Literatura *nonsense* em forma de poesia.

POR QUE TRABALHAR COM ESTE LIVRO?

Diferentemente do que ocorre na Europa e na América do Norte, o Brasil ainda não tem uma tradição de literatura *nonsense*. Tampouco conhece satisfatoriamente a cultura indígena, que representa importante matéria-prima no amálgama de nosso povo.

César Obeid conseguiu reunir nestes tupiliques dois grandes objetivos: trazer ao público o gostinho delicioso dos poemas *nonsense* e despertar o interesse pela cultura indígena, notadamente pela herança linguística do tupi. Seus poemas, pequenos, leves, brincalhões, estimulam o leitor a ler e a criar outros textos; para a criança, será uma satisfação ler esses versos divertidos e, mais ainda, sentir que ela própria pode criar versos também.

Descobrir o universo da escrita bem-humorada pode abrir ao leitor infantil as portas para a literatura. Uma experiência de “ver com olhos livres”, como apregoava Oswald de Andrade, um dos nossos poetas de vanguarda, amante do *nonsense* e da poesia lúdica.

Muito felizes também são os temas destes tupiliques. Transitando entre a fauna, a flora, os topônimos indígenas, os mitos e a culinária, entre outros, são um prato cheio para o professor explorar assuntos que podem ir muito além da cultura indígena. Não menos importantes são as explicações etimológicas e os boxes que contam episódios da nossa história, relacionados à nossa língua, textos que ajudam a criar nos leitores um vínculo de curiosidade, interesse e respeito pela palavra.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

➤ ATIVIDADES PARA ANTES DA LEITURA

1. Antes de apresentar o livro aos alunos, abra espaço para uma conversa sobre a formação de nossa língua. Por que será que falamos português? Por que não falamos “brasileiro”? Verifique o que sabem sobre o descobrimento do Brasil e sua colonização. Proponha reflexões sobre o que o descobrimento tem a ver com a língua que falamos. Quem os portugueses encontraram aqui? Como será que portugueses e indígenas se comunicavam? Será curioso refletir também sobre as palavras

que os portugueses ainda não conheciam e tiveram que aprender com os nativos, como, por exemplo, as que designavam plantas e animais desconhecidos pelos europeus: abacaxi, jabuticaba, capivara, jacaré etc.

2. Aprofunde a reflexão, pedindo que os alunos pensem em como se formou, por sua vez, a língua dos portugueses. Eles também foram conquistados (pelos romanos) e tiveram que aprender outra língua, o latim. Já ouviram falar em línguas latinas? Algum aluno sabe quais são? Antecipe dizendo-lhes que essas explicações constarão do livro que vão ler. Se algum aluno souber palavras em outra língua latina, peça que as escreva na lousa. Depois, tentem fazer uma comparação com as palavras em português. Essas palavras têm algo em comum? Se tiverem, provavelmente é a raiz latina, por exemplo: *amor*, *amour* (francês), *amore* (italiano), raiz *am(o)*, do latim.

3. Apresente o título do livro para a turma, sem ainda mostrar o subtítulo. *Tupiliques*: alguém sabe o que isso quer dizer? Parece com o quê? Aproveitando o tom engraçado da palavra, sugira que deem asas à imaginação e proponham um significado: parece algo com chique? Um índio tupi tendo faniquito? Montado num esputinique? Dono de uma boutique? Seria divertido já esboçar algumas rimas, mesmo sem sentido, para entrar no clima de *nonsense* dos limeriques.

4. Em seguida, peça que leiam o subtítulo: “Heranças indígenas no português do Brasil”. Agora, fica mais evidente que o tupi, de tupiliques, refere-se aos índios. Veja se já ouviram falar dos índios tupi. E ainda falta descobrir o resto da palavra. Para isso, leiam juntos a introdução, “Tupilicando”. Os alunos vão reconhecer ou entender mais facilmente grande parte das explicações se puderam conversar previamente sobre a influência indígena na nossa língua. Em seguida, explique que os limeriques são formas poéticas em que cada estrofe possui cinco versos. Quase sempre composto por um poema de uma única estrofe, o limerique descreve um personagem em uma situação bem peculiar, geralmente absurda e/ou engraçada, como se poderá ver nos tupiliques. Antecipe dizendo-lhes que explicações mais detalhadas sobre esse tipo de poesia serão dadas no capítulo “Limericando”, ao final do livro.

➤ ATIVIDADES PARA DURANTE A LEITURA

1. O primeiro capítulo do livro, “Etimologia”, pode apresentar algumas dificuldades para os leitores menos experientes. Sugerimos que seja lido em classe, ou que

sua leitura seja retomada passo a passo. Seria proveitoso verificar o que os alunos entenderam sobre etimologia, famílias linguísticas, troncos linguísticos e ainda se todos compreendem as informações que se depreendem dos gráficos. Também a pronúncia dos fonemas em tupi pode ser feita oralmente, durante a aula. O objetivo não é conseguir pronunciar com perfeição, mas perceber que, em línguas diferentes, as mesmas letras podem representar fonemas diferentes dos nossos.

2. Leia com a classe o primeiro tupilique, esclarecendo as dúvidas de vocabulário. Peça que leiam a tabela das palavras indígenas, tentando pronunciar as palavras conforme indicado anteriormente. A partir daí, organize a classe em duplas e encarregue cada uma de apresentar um tupilique aos colegas. A dupla deverá ler o poema em voz alta, esclarecer dúvidas e explicar o conteúdo dos boxes informativos, caso haja algum. Dê liberdade para que os alunos possam apresentar o tupilique de modo criativo, dramatizando, cantando ou ilustrando com painéis, por exemplo.

3. Proponha que organizem as palavras de origem tupi de acordo com seu campo semântico, por exemplo:

TOPÔNIMOS	VEGETAIS	ANIMAIS	OBJETOS	COMIDAS
Taubaté	pitanga	muriçoca	arapuca	paçoca
Paraíba	capim	siri	toré	beiju
Curitiba	pequi	jacaré	peteca	tapioca

Os alunos podem fazer essa classificação sozinhos, à medida que progrida a leitura, ou coletivamente. Para isso, a sugestão é afixar na lousa um cartaz, que deverá ser preenchido de acordo com as apresentações dos tupiliques. Algumas palavras podem ser de difícil classificação; sugerimos o item “diversos”, quando não se conseguir classificá-las.

4. Leiam juntos o capítulo final, “Limericando” e confirmem se os tupiliques seguem as regras formais dos limeriques. Verifique se sabem o que é um verso, uma estrofe, se entenderam como se faz a contagem das sílabas poéticas, se percebem a posição das rimas. Com esse objetivo, retomem os tupiliques e procurem declamá-los em voz alta.

➤ ATIVIDADES PARA DEPOIS DA LEITURA

1. Como já aprendemos, muitas cidades no Brasil têm nomes indígenas. Pergunte aos alunos: e a nossa cidade? E as cidades vizinhas à nossa? Verifiquem quan-

tas cidades na sua região têm nomes indígenas. Façam uma pesquisa para descobrir o significado desses nomes. Muitos acidentes geográficos, como rios, cavernas, colinas, penhascos, também foram batizados pelos índios. Estenda a pesquisa para esses nomes.

2. De acordo com o que lemos, “existem milhares de palavras na nossa língua originárias de outras línguas. A lista é imensa”. Vamos ampliar a lista que o autor dá como exemplo? Organize a classe em grupos e peça que cada um pesquise palavras oriundas de um idioma que não seja o português nem indígena. Por exemplo: francês (glamour, batom, buquê, chofer); inglês (clube, sofá, pulôver, futebol); alemão (chope, níquel, hamster); árabe (xarope, armazém, almofada, tapete); línguas africanas (canjica, farofa, quiabo); sem esquecer do grego, claro (crônica, amnésia, acrobata).

3. Caipora, boitatá, saci são personagens que fazem parte da nossa mitologia. Alguns deles, como dizem testemunhos dos mais supersticiosos, “aparecem mesmo” diante da gente, e é preciso tomar cuidado! Proponha uma pesquisa para descrever cada um desses seres, acrescentando outros à lista. Amplie a pesquisa para seres do imaginário popular, independentemente de terem origem indígena. Há na sua região ou cidade algum tipo desses, alguma lenda ou um “caso” de assombração? Peça que pesquisem em casa e na comunidade e que registrem depoimentos de pessoas que já ouviram falar desses mitos. Os casos pesquisados podem ser apresentados à classe, de preferência acompanhados de painéis ilustrados com desenhos. Os pais e avós podem contribuir muito com essa pesquisa!

4. Aproveite as indicações do autor e leia para os alunos uma história de Daniel Munduruku, autor de vários livros de lendas e mitos indígenas. Se for possível, atribua a cada aluno, ou grupos de alunos, a tarefa de contar um mito indígena, salientando, de algum modo (com cartazes, painéis), as palavras de origem indígena que encontrarem nos textos. Mostre-lhes também alguns poemas do pernambucano Walther Moreira Santos, um dos mais premiados dramaturgos e ficcionistas do Brasil; o livro indicado, *Tem tupi na oca e em quase tudo o que se toca*, traz poemas divertidos, que também brincam com palavras de origem tupi.

5. Apresente à turma outros poemas do estilo *nonsense*, como o famoso “Jaguadarte”, tradução de Augusto de Campos para o poema “The Jabberwocky”, de Lewis Carroll, já musicado por Arrigo Barnabé. Esse poema foi traduzido por outros autores, ganhando títulos diversos, como “Tagarelão”, “Algaravião”, “Blablassauro”; seria interessante, para os alunos mais velhos, comparar as versões. Se achar adequado para

a idade de seus alunos, leia-lhes trechos dos livros de Carroll, *Aventuras de Alice no país das maravilhas* e *Através do espelho e o que Alice encontrou lá*. Se alguns já viram o filme da Disney, pergunte-lhes o que perceberam nele que poderia servir de exemplos de *nonsense*.

6. Procure, na internet ou nas bibliotecas, poemas traduzidos de Edward Lear, ilustrados de maneira bem divertida por ele mesmo (sugestão: escolher alguns do livro *Viagem numa peneira*, de Edward Lear, com ilustrações do autor, tradução de Dirce Waltrick do Amarante, Editora Iluminuras). É possível encontrar textos musicados desse autor, como "Alface", gravado por Adriana Calcanhoto ("Partimpim 2", de 2009, selo Sony/BMG); bem interessante é o CD "Crianças Crianças" (selo Sesc), em que Cid Campos faz versões musicais de textos de Edward Lear e de Lewis Carroll, além de Augusto de Campos e Paulo Leminski, dois de nossos mais conhecidos poetas que percorreram os caminhos do *nonsense*. Na internet, é possível encontrar vários poemas *nonsense* ilustrados com desenhos do mesmo estilo.

7. Com todos esses estímulos, certamente os alunos ficarão entusiasmados e desejarão criar seus próprios tupiliques ou limeriques. Ou, quem sabe, uns "afroliques", com palavras extraídas da nossa herança africana. Abra um espaço bem descontraído para que eles possam criar seus textos, ilustrá-los e declamá-los com liberdade.

➤ Leituras sugeridas

OBEID, César. *Rimas animais*. São Paulo: Moderna, 2010.

_____. *Rimas saborosas*. São Paulo: Moderna, 2009.

_____. *Aquecimento global não dá rima com legal*. São Paulo: Moderna, 2008.

_____. *Minhas rimas de cordel*. São Paulo: Moderna, 2005.

_____. *Brincantes poemas*. São Paulo: Moderna, 2011.